Dia 12 — São Leôncio e Companheiros, Mártires

Martirológio Romano

A comemoração (se este dia for domingo da oitava da Natividade, diz-se: A Festa do santíssimo Nome da bem-aventurada Virgem Maria, que o papa Inocêncio XI mandou celebrar todos os anos no domingo da infraoitava da mesma Virgem Maria, pela esclarecida vitória que por sua intercessão conseguiram os Cristãos contra os turcos que tinham sitiada a cidade de Viena, na Áustria, fazendo-lhes levantar o cerco. (Sua história se lê entre as do dia 9 deste mês.)

O trânsito dos santos mártires Hierônides, Leôncio, Serapião, Selésio, Valeriano e Estratão, em Alexandria; os quais, pela confissão do nome de Jesus Cristo, foram submersos no mar, imperando Maximino. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santo Autônomo, bispo e mártir, na Bitínia; o qual, fugindo da perseguição de Diocleciano, como convertesse ali muitos à fé, enfurecidos os gentios contra ele, o mataram no mesmo altar quando estava dizendo missa, ficando feito hóstia de Jesus Cristo.

O martírio dos santos Macedônio, Teódulo e Taciano, em Mera, na Frígia; os quais, no tempo de Juliano, o Apóstata, e por ordem do presidente Almáquio, depois de padecer outros tormentos, estendidos sobre umas grelhas nas brasas, consumaram o martírio cheios de regozijo.

São Cironoto, bispo, em Icônio, na Licaônia; o qual, sendo degolado no tempo do presidente Perênio, alcançou a palma do martírio.

São Juvêncio, bispo, em Pavia, do qual se faz menção no dia 8 de fevereiro. Este foi enviado àquela cidade por São Hermágoras, discípulo do evangelista São Marcos, juntamente com São Siro: e ambos, pregando ali o Evangelho e resplandecendo em eminentes virtudes e milagres, ilustraram com suas obras sobrenaturais aquela cidade e as imediatas e, gozando ambos da alteza do episcopado, descansaram em paz.

A ditosa morte de São Sacerdote ou Sardot, bispo, em Lyon.

São Silvino, bispo, em Verona.

São Guido ou Guidão, confessor, em Anderlecht. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O Calendário do principado da Catalunha faz hoje menção de Santo Eulógio, bispo, cuja vida se lê entre as de amanhã, conformando-nos com o Martirológio Romano.

A Comemoração dos Fiéis Defuntos

A caridade que se tem na Igreja com os mortos sempre é proveitosa aos vivos, não só porque nos granjeia amigos no céu, cuja proteção sempre nos pode importar muito, mas porque conduz maravilhosamente para desprender nosso coração deste mundo, cuja vaidade e passageira figura nunca a descobrimos melhor que quando fazemos oração pelos defuntos.

Aquela triste memória que se faz das pessoas que já não existem, a quem amávamos tão ternamente e eram o doce objeto de nosso carinho; daqueles amigos de nossa maior confiança, que eram todo o nosso consolo e todo o nosso desafogo; daqueles poderosos protetores e apoios da fortuna que começávamos a fazer; esta triste memória, volto a dizer, é um soberano remédio para curar-nos das enganosas ilusões que igualmente encantam o coração e alucinam o entendimento.

Quando se pensa que já não são, que já não existem aquele pai e aquela mãe que tanto se afanaram, que se consumiram, que encurtaram sua vida por deixar-nos os bens que possuímos, e que as orações que fazemos se dirigem a solicitar seu descanso; quando se considera que aquele doce esposo, aquela terna e fiel esposa, que era todas as nossas delícias, acabou finalmente sua carreira e, sepultada nos horrores da morte e nas terríveis chamas destinadas a purificá-la, nos pede com dolorosos gritos o sufrágio de nossas orações; quando se nos representam tantos fiéis cristãos que estiveram vivos e sãos como nós, que ocuparam os mesmos elevados postos que nós ocupamos, que possuíram os mesmos brilhantes empregos que nós possuímos, que edificaram as soberbas casas que nós habitamos e que luziram em todas as ocasiões como nós luzimos; como é possível não pensar que algum dia havemos de ter a mesma sorte que eles, que nos havemos de ver reduzidos como eles a não ocupar mais que um asqueroso recanto num sepulcro; que, nem mais nem menos como eles, nos havemos de ver despojados desses ricos móveis, desses pomposos equipamentos, dessas grandes e opulentas heranças e que, como eles, dentro de muito poucos dias havemos de ter extrema necessidade das orações dos fiéis? E quão ditosos seremos se nos acharmos em estado de que nos aproveitem como a eles!

Parece que não é possível fazer oração pelos mortos sem pensar também na morte. E um pensamento tão eficaz para desenganar-nos de tão falsas brilhanteses como nos deslumbram, de tantos mentirosos atrativos como nos encantam; um pensamento tão próprio para tirar todo o gosto aos deleites e aos passatempos, poderá oferecer-se-nos muitas vezes à memória sem que produza algum efeito?

Bem se pode dizer que a morte é a sepultura das paixões e que o pensamento e a memória dela é um soberano remédio. Não têm força as paixões quando se as considera como manancial de prantos e de arrependimentos; a esta luz, e não a outra, se as olha na hora da morte; nem então se acerta já a compreender como se as pôde olhar de outra maneira.

Que relíquias ficam na morte daquelas quiméricas ideias que se formavam do mundo, nem daquela imaginária felicidade de que se sustentavam seus sequazes? Subsistem, porventura, depois dos tristes, dos fedorentos despojos de nossos corpos, aqueles caprichos da própria excelência, aquele prurido de sobressair, aqueles cobiçosos desejos de enriquecer-se? Perseverarão depois da universal privação de todas as coisas? Ou ao menos fica alguma memória que sirva de algum consolo de tudo o que lisonjeou nosso orgulho, de tudo o que satisfez nossa concupiscência e de tudo o que constituiu nossa sonhada felicidade sobre a terra?

Pensa-se, reflexiona-se, medita-se quando se está para entrar e para perder-se naquela espantosa eternidade; mas é tempo de pensar e de dispor-se para morrer no mesmo ponto em que se morre?

Naquele último momento quase se perde de vista este punhado de dias que se viveram; e, se ainda faz o moribundo alguma memória do que foi, é para sentir mais a amargura do que vai ser e do que já é.

«Eu era poderoso, possuía grandes terras, ocupava ilustres cargos, tinha nobres direitos, gozava gordas rendas, estava em posse de muitos ricos benefícios, *et solum mihi superest sepulchrum*, e tudo já se desvaneceu; de tudo não me resta mais que um triste sepulcro.»

Aquelas magníficas casas, aqueles soberbos palácios, mudas mas eloquentes acusações da vaidade dos mortais, onde se havia juntado o mais requintado da arte, o mais fino, o mais primoroso, o mais raro dos países mais remotos; aquelas amenas quintas onde se passavam dias tão alegres e tão divertidos; aqueles móveis de tão subido preço e de tão delicado gosto; aqueles magníficos toucadores, ricos aparadores das mais curiosas preciosidades; aquele numeroso concurso de cortejadores e de lisonjeiros; aquele pomposo e soberbo trem que me fazia tanta honra, tudo isto já se acabou, já não existe para mim: apoderaram-se de tudo isso meus herdeiros; já são donos de tudo; a mim só me resta uma negra, uma horrível sepultura: *Et solum mihi superest sepulchrum!* Oh, e quão próprias são para reprimir as paixões, para temperar seu infernal fogo, estas reflexões, este objeto e estas verdades bem consideradas! Ditoso aquele que não aguarda a hora da morte para aproveitar-se de tão poderoso remédio!

Na morte não há reflexão que não aflija, não há objeto que não espante, não há olhar de olhos, por assim dizer, que não seja uma amargura: *In amaritudinibus moratur oculus meus.* Nada se vê que não seja novo motivo de dor. O passado faz chorar, o presente assusta olhando à fé e sobressalta a razão, o futuro causa horríveis espantos. Arrepende-se de haver sido o que foi; mas arrependimento muito estéril de ordinário. Desespera-se por não haver considerado o que havia de ser; mas remorsos então sem proveito. Chora-se, padece-se uma congoja mortal por não haver prevenido com frequentes reflexões, com uma vida regrada, o deplorável estado em que se acha; mas lágrimas tão inúteis como amargas: arrependimento que já chega muito tarde.

De que lhe serve agora àquele cadáver haver sido em vida um homem tão estimado por seu engenho, por sua dignidade, por suas riquezas, por sua classe e por seus empregos? A morte acaba de confundi-lo com o mais vil de todos os mortais.

De que servirá àquela bizarra dama que acaba de expirar todas as suas galas e toda a sua bizarria? Expirou com ela seu orgulho, sua presunção, seu fero desdém e toda a sua delicadeza. A única herança que já lhe resta são vermes e podridão: *Cum morietur homo, hæreditabit vermes.* (Eclo 10.) Bom Deus, quantos encantos dão em terra com a morte!

Mas que é o que se faz quando se pensa na morte enquanto se está no melhor da vida? Antecipar, por assim dizer, ao último dia e ao último momento aquelas luzes vivas e penetrantes; e, sem aguardar que muito a nosso pesar nos descubra este mistério de vaidade a catástrofe ou o funesto fim da tragédia, descobri-lo nós a nós mesmos por meio destas sãs e saudáveis reflexões.

Quando se representa aos olhos da consideração uma viva pintura da morte, olham-se desde logo todas as coisas do mundo à mesma verdadeira luz em que então se hão de olhar. Percebem-se e faz-se o mesmo juízo delas que se há de fazer então: conhecem-se pelo que verdadeiramente são, frívolas, enganosas e desprezíveis. Acusa-se, repreende-se alguém a si mesmo por haver-se deixado enamorar delas: chora sua cegueira como a choraria naquele último momento; e com uma disposição tão cristã de coração e de entendimento esfria a paixão, não está tão viva a concupiscência, é menos faminta a cobiça e as grandezas humanas: os bens perecedouros, os deleites superficiais representam-se a uma luz muito amortecida, com um atrativo lânguido, tíbio e meio apagado, sem sentir-se já mais que um gosto insulso, zonzo e nada picante. Assim se olha tudo isto por entre as sombras da morte.

«Lembra-te da morte, diz o Sábio, e não pecarás, conservar-te-ás inocente: *Memorare novissima tua, et in æternum non peccabis.*» (Eclo 7.) Lembra-te da morte, e não te pagarás tão loucamente de ti mesmo; não serás tão vivo na defesa de teus direitos, nem tão zeloso de tua autoridade, nem tão sensível no que toca a teus interesses, nem tão cobiçoso em teus ganhos, nem tão arrebatado em tuas cóleras, nem tão duro com os demais, nem tão indulgente contigo mesmo, nem te mostrarás em tudo tão pouco cristão. Lembra-te da morte, e terás mansidão, circunspecção, urbanidade, moderação e paciência: a imagem da morte traz, por assim dizer, à memória todas estas virtudes.

Com tudo isso, não se quer pensar na morte; e por quê? Põe-se acaso em dúvida que se há de morrer? Tem-se segurança de que se há de morrer bem? Uma santa morte é obra tão fácil ou tão indiferente? É de tão pouca consequência que não mereça que se pense nela? Da morte depende nosso eterno destino. São poucos os que morrem bem; mas como pode ser outra coisa, sendo tão poucos os que pensam na morte?

O pensamento da morte entristece, atemoriza, turba os gostos e os alegres dias da vida: por isso se procura desviar da memória. Bem; mas por que não se fará o mesmo com todos os demais pensamentos que alteram nosso sossego?

Tem-se pendente um pleito criminal; trata-se dos bens e da honra de toda uma família ou da mesma vida: se o pleito se perde, que dor! Que desgraça! Só pensá-lo estremece. Mas por que não

se desviará da imaginação esse doloroso pensamento? Por que nos acompanhará sempre e a todas as partes? Só se pensa no pleito, só se fala do pleito; não há dia na semana, não há hora no dia que não venha muitas vezes à imaginação: na mesa, nas visitas, no jogo, em todas as partes nos ocupa este objeto; todos os demais cedem a ele. Na verdade não é inútil: trabalha-se, instrui-se, solicita-se, consulta-se, tomam-se todas as medidas que sugere a prudência. Este só negócio se tem na memória, porque este só está impresso no coração. E que se diria de um homem que, tendo um pleito desta entidade, não quisesse nem sequer ouvir falar dele, que procurasse desterrá-lo do pensamento só e precisamente porque o altera e o aflige?

Será mister fazer a aplicação e evidenciar a imprudência, ou, por melhor dizer, a loucura dos que não querem pensar na morte só porque este pensamento os entristece e os sobressalta? Mas ignoramos acaso que em nossa mão está, com a divina graça, tirar à morte toda a sua amargura, enchendo-a de consolo e fazendo-a não só doce, mas preciosa aos olhos do Senhor, e que para isto é grande meio o pensar continuamente nela? Grande tentação é o horror que se tem a um pensamento tão saudável; e desditoso daquele que se deixa vencer dele. Só pondo em dúvida que todos havemos de morrer pode não ser loucura o não pensar na morte. Seguramente que, se pensássemos nela em todas as deliberações, em todos os projetos, em todos os negócios e em todo o comércio com o mundo, livrar-nos-íamos de muitos arrependimentos. Teme-se o pensamento da morte porque se temem os efeitos que ordinariamente produz este saudável pensamento. Se se pensasse com frequência na morte, já seria preciso não ser tão mundano, nem tão divertido, nem tão dissoluto; se se pensasse com frequência na morte, já seria preciso não ser nem tão contínuo no jogo, nem tão cobiçoso de ganhar, nem tão encaprichado nas vaidades do mundo; já não se pareceria no baile, nem se concorreria a todas as partidas de diversão; poria-se um perpétuo interdito a certas concorrências, a certas conversações; nem os espetáculos seriam já de nosso gosto. Se se pensasse com frequência na morte, logo se tomaria o partido da reforma e do retiro; e isto é pontualmente o que não se tem vontade de empreender. O pensamento da morte faz o homem mais cordato, e esse homem ainda não quer ser melhor.

Pensar na morte e não reformar-se é loucura: não pensar nela por não ver-se precisado a corrigir-se é impiedade. Oh Senhor, e que desgraça é morrer sem haver pensado quase nunca na morte!

São Leôncio e Companheiros, Mártires

Na comemoração que neste dia faz o Martirológio Romano de São Leôncio e companheiros mártires, diz-se que estes foram Hierônides, ou Crônides, Serapião, Selésio ou Seleuco, Valeriano e Estratão: interessados alguns escritores no descobrimento dos lugares de seus respectivos combates, assinalam o de Leôncio, o de Crônides e Serapião na cidade de Alexandria, metrópole do Egito, no tempo da cruel perseguição de Maximiano, onde foram submersos no mar, atados de pés e mãos; mas, extraídos prodigiosamente à terra sem lesão alguma, os Anjos amoestaram os fiéis a que cuidassem de recolhê-los. De Serapião nos dizem os *Menologia* gregos que em

Nicomédia, cidade da Bitínia, foi amarrado a dois cedros e, dividido em duas partes, consumou sua carreira naquele suplício. E de Seleuco e Valeriano escrevem que foram martirizados em Ancira da Galácia.

As relíquias de São Leôncio e companheiros conservam-se em grande veneração no mosteiro de Santa Clara, situado na vila de Alcaudete, fundado por D. Afonso Fernández de Córdoba e sua mulher D.ª Maria de Velasco; as quais recebeu do papa Paulo V no ano 1607 D. João Afonso Pimentel, conde de Benavente, que as deu à sua tia a condessa de Alcaudete, e esta ao referido mosteiro.

São Guido ou Guidão, Confessor

São Guido ou Guidão, por outro nome o pobre de Anderlecht, nasceu ao mundo pelo fim do século XI numa aldeia de Brabante, de pais muito pobres, mas temerosos de Deus, que, não podendo dar-lhe outra educação superior à humildade de seu nascimento, dedicaram-se a criá-lo no temor santo do Senhor, inspirando-lhe desde o berço um grande horror ao pecado e uma terna devoção à santíssima Virgem. O belo natural do menino Guido excusou muitos cuidados aos que tinham o de sua educação, porque nunca se lhe observaram inclinações que não fossem muito cristãs. Consolava-o muito a humildade de sua baixa condição, ainda antes de ter idade para conhecer o que valia; sentindo sempre especial gosto naquela humilhação que era inseparável do estado vil e pobre em que havia nascido. Pelo grande amor que cobrou à pobreza, logo que entendeu que Jesus Cristo e os Apóstolos haviam feito profissão dela, amava ternamente os pobres, sem que sua própria necessidade lhe servisse de estorvo para socorrê-los no modo que podia, repartindo sempre com eles o que mal lhe bastava para seu escasso sustento e destinando para os mesmos tudo quanto podia conseguir de seu pobre pai.

Sendo ainda menino, notou-se nele uma maravilhosa inclinação ao exercício santo da oração, furtando a volta a seus pais para retirar-se a alguma igreja. Sua doçura, sua docilidade, sua modéstia e certa madureza antecipada numa idade que faz escusáveis as vivezas e as inocentes intrepidezes dos meninos eram já presságios daquela eminente santidade que com o tempo foi seu distintivo e seu caráter. A frequência e a devota imobilidade com que se o via no templo, tão contrária ao natural inquieto e buliçoso dos meninos, deixavam-se admirar de quantos a observavam, e não se o conhecia por outro nome que pelo de *o Anjo do povo*.

Nenhuma coisa podia ser mais grata a seus virtuosos pais, os quais não podiam deixar a seu filho outra herança que um bom fundo de virtude, dando-lhe uma cristã educação. Estando um dia o menino Guido na aldeia de Laeken, a meia légua curta de Bruxelas, entrou na igreja do lugar, que estava dedicada à santíssima Virgem, para fazer nela oração. Reparou o cura naquele menino que havia mais de uma hora estava de joelhos diante do altar; e, movido da modéstia, da gravidade, respeito e compostura com que estava encomendando-se a Deus, chamou-o e teve com ele um rato de conversação. Admirado muito mais de suas razões, que todas respiravam piedade e um juízo muito superior a seus anos, informou-se de seus fregueses e, entendendo deles que sua virtude correspondia perfeitamente à sua capacidade, propôs-lhe se queria ficar para servir

naquela igreja. Não lhe podia propor coisa mais de seu gosto, pois só suspirava por dedicar-se ao serviço de algum templo, e assim admitiu logo o partido com indizível consolo. Ainda que Guido à sazão só contava doze ou catorze anos, o cura o fez guarda da igreja de Nossa Senhora de Laeken; ofício que corresponde ao de moços de sacristia, que servem às ordens dos sacristãos e mordomos de igreja, e em algumas paróquias se costumam chamar coroinhas. Sua obrigação era varrer a igreja, preparar os altares, dobrar os ornamentos, cuidar da roupa branca da sacristia, como também dos outros móveis pertencentes a ela, tocar os sinos, levar o caldeirão da água benta e a cruz quando se leva o Viático aos enfermos e ajudar às missas.

Pelo asseio, a boa ordem e a pontualidade em todos estes ministérios exteriores conhecia-se facilmente a pureza de sua alma e o concerto de seus regrados costumes. Dizia-se comumente que o coroinha dava a todos, quando menos, tão bom exemplo como os mesmos clérigos. O tempo que lhe deixava livre seu emprego ocupava-o em oração, e ao pé de algum altar descansava de suas ocupações exteriores, passando de ordinário em oração todas as noites; e, quando o sono o rendia, sua cama era sempre o pavimento da igreja. Retratada vivamente sua devoção em seu semblante, inspirava-a a quantos o viam. Aquela cara sempre risonha e apacível: seus olhos humildemente baixos, sem olhar jamais ao rosto a mulher alguma: certa religiosa modéstia que se notava nele e parecia mais que natural: um recolhimento interior em meio às ocupações o fazia tão respeitado do povo como admirado dos mesmos sacerdotes que serviam aquela igreja.

Era muito moderado o salário que lhe davam por seu emprego; mas, em meio a isso, bastava para as esmolas que fazia diariamente, porque poupava para elas à custa de seu contínuo jejum e de suas grandes abstinências. Na verdade não parecia imaginável vida mais inocente que a de nosso Guido, nem ao mesmo tempo mais penitente e mais austera. Fora das vigílias, que eram quase contínuas, macerava seu corpo com ásperas penitências que lhe sugeria seu amor a Jesus Cristo crucificado, engenhoso sempre em inventar arbítrios para mortificar os sentidos. Como à delicadeza de consciência se juntava aquela grande penetração de seu desembaraçado entendimento, descobria em si as mais mínimas imperfeições e todas as castigava com o último rigor, apagando-as com uma torrente de lágrimas. Via-se-o muitas vezes prostrado diante do altar da santíssima Virgem, implorando sua poderosa proteção para conseguir o perdão de seus pecados. Mas esta penitente vida nunca se misturou com a menor grosseria, rusticidade nem aspereza no trato com os demais; antes enamorava o modo doce, apacível, atento e até cortesão com que tratava a todo o mundo; e ele mesmo foi boa prova de que a virtude doméstica cultiva e até pule os espíritos mais grosseiros.

Mas nenhuma coisa igualava a caridade que mostrava com os pobres, em cujo serviço empregava ordinariamente todo o tempo que lhe deixavam livre suas ocupações. Certo mercador de Bruxelas, enamorado das admiráveis virtudes de Guido e notando sobretudo seu ardente zelo pelo alívio dos pobres, armou-lhe um laço em que caiu incautamente. Depois de manifestar-lhe quanto estimava sua virtude e a boa vontade que professava à sua pessoa: «Quero, disse-lhe, fomentar tua caritativa intenção e pôr-te em estado em que tenhas com que satisfazer essa generosa caridade que te merecem os necessitados. Não te deu Deus tanta inclinação à esmola para que os socorras só com um triste bocado de pão. Quantos mais bens tenhas com que socorrê-los, mais esmolas lhes farás; mas, enquanto tu sejas tão pobre como eles, todo esse teu caritativo zelo será tão ocioso quanto inútil. O ofício que tomaste se acomoda mal com a caridade que te abrasa: se me

crês, logo terás com que tirar de miséria teus pais e com que fazer gordas esmolas aos pobres. Deixa esses trapos de mendigo: toma este pano para fazer-te um vestido mais decente com que não darás em rosto à gente honrada e limpa; vem à minha casa e entrarás de companhia em meu comércio.»

Como o pretexto era tão especioso e tão conforme à piedosa inclinação de Guido, não pôde ouvir a proposição com indiferença. Talvez fosse boa a intenção do mercador; mas o pensamento era um artificioso laço do inimigo, em que caiu o incauto Guido não sem sobrada ligeireza. Deixou um pouco precipitadamente o ofício de guarda da igreja e foi a Bruxelas em seguimento de seu benfeitor; mas, como Deus lhe havia permitido este desacerto só para instruí-lo à sua custa e para ensinar-lhe que o espírito próprio é má guia nos caminhos do céu, não o deixou largo tempo naquela ilusão com que haviam surpreendido sua inocente simplicidade. Abriu logo os olhos para conhecer o engano, assim pelo mau sucesso do negócio como pelo acidente que lhe sucedeu, e foi como o princípio da larga penitência que fez para satisfazer a Deus por aquele desacerto. Descendo poucos dias depois pelo rio num barco carregado por sua conta e pela de seu amo o mercador, encalhou tão fortemente num banco de areia que o casco esteve em grande perigo de abrir-se. Fez Guido tantos esforços com uma percha para sair daquele risco que se lhe tronchou o pau entre as mãos, e se lhe introduziu tão profundamente uma lasca pelo braço que não foi possível extraí-la. Abriu os olhos à vista daquele desgraçado acidente; e, conhecendo toda a malignidade de seu engano, sem deliberar um ponto saiu de Bruxelas e voltou a Laeken, onde retornou a seu antigo ofício, não pensando já em outra coisa que em apagar seu pecado com lágrimas, com oração, com jejuns e com as mais rigorosas penitências. Mas, como a ferida podia ser estorvo aos exercícios de seu emprego, pediu com tanto fervor à santíssima Virgem que o sarasse, e acompanhou sua oração com tantas lágrimas, que se compadeceu dele a Mãe de misericórdia; e, antes que acabasse a oração, saiu por si mesma a lasca sem causar-lhe dor alguma, ficando perfeitamente são.

Com a curta experiência que havia começado a ter do alvoroço do mundo, cresceu tanto seu fervor que, quando voltou a Laeken, pareceu ainda mais santo do que era antes de sua partida. Enquanto isso, não se esgotava o manancial de suas lágrimas; e o conceito que formou da enormidade de uma falta que a qualquer outro haveria parecido muito ligeira fez tanta impressão em seu espírito que lhe pareceu não poder satisfazer à divina justiça se, para acabar a penitência que desejava fazer, não empreendesse a penosa peregrinação a Roma e à Terra Santa. Havendo-se despedido do sacerdote que servia aquela paroquial, tomou o caminho de Roma, fazendo-o a pé e mendigando toda a viagem. Depois de haver visitado em Roma o sepulcro dos santos Apóstolos, partiu a Jerusalém, onde visitou aqueles santos lugares, acrescentando penitências voluntárias às excessivas fadigas do caminho, exposto sem alívio a todos os rigores da estação e nunca interrompendo seu jejum. Gastou sete anos nestas trabalhosas peregrinações; e, voltando a Roma, encontrou nela a Vondulfo, deão da igreja de Anderlecht, que, acompanhado de alguns amigos seus, ia empreender a viagem da Terra Santa. Era Vondulfo um eclesiástico de extraordinária virtude; e, reconhecendo a de nosso Santo, persuadiu-o com suas instâncias a que fizesse segunda vez em sua companhia a viagem de Jerusalém: e Guido rendeu-se por pura caridade. Logo que os novos peregrinos cumpriram com sua devoção, visitando os Santos Lugares, sentiram-se acometidos de uma enfermidade contagiosa. O primeiro que morreu foi o santo deão, seguindo-o imediatamente todos os seus companheiros; e não é ponderável o cuidado e a caridade com que

Guido os assistiu naquela última enfermidade. Estando o deão para morrer, depois de haver dado a Guido muitas graças pelos grandes atos de caridade que havia exercitado com todos, declarou-lhe que era vontade de Deus que se voltasse a Flandres. Concluídos todos os ofícios que correspondiam aos defuntos, partiu para Anderlecht, onde deu notícia da morte do deão. O vice-deão o deteve em sua casa pelo consolo de hospedar a um Santo e por aproveitar-se de seus exemplos. Não foi larga a mansão que fez nela; porque o Senhor lhe deu a entender que o queria já recompensar seus trabalhos e premiar sua penitência. Preparou-se para morrer com sensível renovação de seu fervor e com aumentar suas austeridades e rigores; até que, achando-se uma noite em oração dentro de seu quarto, de repente ficou este iluminado com uma luz celestial que o deixou mais claro que o meio-dia, e ao mesmo tempo se ouviu uma voz sobrenatural que dizia: «Vem, servo bom e fiel, entra no gozo do Senhor, que quer ser tua recompensa»; e no mesmo ponto expirou a 12 de setembro do ano de 1112.

Concorreu imenso povo, movido da geral opinião de sua santidade; e os cônegos lhe fizeram um enterro com toda a pompa que merecia um Santo, cuja glória manifestava Deus com grande número de milagres. Alguns anos depois edificou-se uma magnífica igreja em honra sua, trasladando-se a ela o santo corpo com muita solenidade, e ali é venerado hoje com grande e contínuo concurso do povo.

O Beato Miro, Confessor

O bem-aventurado servo de Deus Miro nasceu na paróquia de Tagamanent, diocese de Vic, no principado da Catalunha. De pouca idade ainda, começou os estudos, nos quais e na virtude aproveitou tanto que mereceu ser promovido ao sacerdócio. À medida que adiantava em idade, crescia sempre mais seu propósito de viver em solidão. Tratou de seus desejos com os monges beneditinos de Ripoll e, segundo o parecer deles, saiu a ensaiar-se nesta vida pelos desertos da ribeira do Ter. Invocava ali a Deus para que se servisse indicar-lhe sítio oportuno para seus fins quando, entre uns bosques, viu um templo e um velho que estava sentado a sua porta. Aproximou-se deste o servo de Deus e perguntou-lhe que edifício era aquele. Respondeu o velho que era um mosteiro de religiosos de Santo Agostinho, os quais não pensavam senão em salvar-se. Chamava-se este mosteiro São João das Abadessas, fundado no ano 887 pelo conde Wifredo, o Cabeludo, e o qual se deu a cônegos regulares da Ordem de Santo Agostinho no princípio do século XI. Passados alguns dias, com aprovação de toda a comunidade, vestiram-lhe o hábito, e desde logo foi Miro espelho de santidade para todos os monges. Nunca jamais quis emprego ou ofício em que tivesse que mandar a outros. Era pontual no coro, fervoroso e longo na oração, severo e constante na penitência. Alentava os tíbios com sentenças muito vivas que saíam de seu coração como brasas ardentes, e mais com a prática das virtudes. Foi muito compassivo dos pobres, o que é uma das mostras mais claras do amor de Deus. Morreu santamente em seu mesmo mosteiro a 12 de setembro do ano 1161. As gentes daquela terra acudiam a seu sepulcro com grande fé para ser socorridas em suas necessidades, estimuladas das maravilhas que por sua intercessão havia já obrado o céu. No ano de 1345, dia de Santo Agostinho, seu sagrado corpo foi elevado e colocado num sepulcro formosíssimo de mármore, e ali permanecem suas relíquias expostas à veneração

pública. É advogado contra a dor de cabeça e de dentes. (Domènech.)

O Beato Juvenco, Presbítero

O beato Juvenco, presbítero e célebre poeta espanhol, ascendeu à dignidade sacerdotal pelos graus de sua literatura e virtude. Se na segunda época da poesia antiga, que é a dos poetas cristãos, nenhuma nação, diz o abade Lampillas, pode disputar o principado à Espanha, por haver sido o primeiro poeta cristão o espanhol Juvenco, quem por esta mesma causa poderá negar este principado ao clero, tendo sido presbítero dito poeta? «Entre os sagrados latinos, escreve Masdeu, o mais antigo que tem a Igreja é Caio Vécio Aquilino Juvenco, presbítero espanhol, de nobilíssima família, que escreveu em versos hexâmetros a história evangélica sem fogo poético, mas com estilo simples e muito latino», dedicada a Constantino Magno. Compôs também um poema do incêndio de Sodoma: outro sobre os Sacramentos: vários hinos, e até se lhe atribui um compêndio do Gênesis em verso. São Gelásio admira seus escritos, e falam com elogio dele São Jerônimo, Honorato de Autun e todos os escritores eclesiásticos. Floresceu pelos anos de 329, edificando a Igreja com sua exemplar vida e ilustrando-a com sua pena. Inserem-no no catálogo dos Santos Pedro de Natalibus, Tamayo e Marangoni.

Missa (oração)

A missa é dos defuntos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Fidelium, Deus, omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum: ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, Criador e Redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham, pelas piedosas orações de vossa Igreja, o perdão que sempre esperaram de vós. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

>

> **Latim:** [13] Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: [13] Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d’elles os seguem.

Reflexões

Por mais que se viva em meio à opulência e ao esplendor, nem o nascimento, nem as riquezas, nem as honras, nem coisa nenhuma nos liberta das misérias desta vida. Vivemos num vale de lágrimas, e nele só se ri à força de artifício. A sentença que condena os homens ao trabalho é universal; ninguém se isenta dela: nem as condições nem a idade dispensam pessoa alguma. Derramam-se lágrimas, por assim dizer, antes que se esteja em estado de derramar sangue. Nascem conosco os pesares. Nem sempre são os trabalhos corporais aqueles que mais fatigam: o coração e o ânimo têm também suas penas, que afligem mais quanto são menos visíveis. As cruzes interiores são as mais pesadas; nunca se geme mais amargamente que quando se geme em segredo. Desde o berço começam a correr as lágrimas, e não se seca o manancial nem sequer sobre o mesmo trono. Menos incompatível é a alegria com os trabalhos do corpo que com as aflições do ânimo. Aqueles dão algumas tréguas, têm seus intervalos; mas os cuidados, os pesares e as amarguras que causam as paixões fatigam sem intermissão. Esta é a sorte de todos os homens que vivem sobre a terra: ou trabalhos corporais, ou penas interiores, e muitas vezes um e outro. Não há que esperar calma nem repouso até depois desta vida. Ditoso aquele a quem o espírito diz que descanse depois de seus trabalhos. A alegria plena, a tranquilidade permanente e o repouso doce só reinam na vida vindoura. Mas adverte que este repouso se dá unicamente por prêmio das boas obras; e assim só aos mortos que morrem no Senhor se diz: *Descansai depois de vossos trabalhos.* Que diferença de sortes! Igualmente morrem o justo e o pecador, igualmente trabalhosa foi a vida de um e de outro; mas aos trabalhos do justo segue-se um descanso eterno: às fadigas, aos suores e aos cuidados do pecador, uma eternidade de tormentos. Lágrimas amargas neste mundo; fogo inextinguível no outro, e com o fogo raiva, desesperação e um eterno ranger de dentes. Oh, quão ditosos são aqueles que morrem no Senhor! Meu Deus, quão preciosa é a morte dos bons! Quão invejável! Ela é, falando com propriedade, o fim de todos os trabalhos e o princípio de uma felicidade cumulada, pura e eterna. Todos os homens correm sua carreira, sem que à maior parte se lhes dê nada nem lhes mereça algum cuidado o termo, o paradeiro dela. A carreira é sem dúvida trabalhosa; mas, chegando ao fim, nos dirá o espírito que descansemos de nossos trabalhos? Consultemo-lo com nossas obras. Bem-aventurado aquele que trabalhou para o céu: bem-aventurado aquele que viveu retirado, dedicando-se a exercícios de exemplar devoção: bem-aventurado aquele que fugiu, que se desterrou das concorrências cheias de perigos; o que passou os dias de sua vida no serviço de Deus e em santos exercícios de penitência. Trabalhemos por nossa salvação durante esta miserável vida, que bastante tempo nos fica para descansar por

toda a eternidade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-55

> **Latim:** 51 Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. 52 Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. 53 Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? 54 Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. 55 Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in novissimo die.

Português: 51 Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. 52 Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. 53 Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? 54 E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. 55 O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

Meditação

Sobre a incerteza da hora da morte

Primeiro ponto

Considera que é certo que havemos de morrer. Mas quando morreremos? Será logo? Será tarde? Nada sabemos.

O que há de certo na matéria é que este dia pode ser o último de minha vida; que sempre se morre mais cedo do que se pensa; que o Filho do homem virá certamente na hora em que menos se o espera. Por mais prevenido que vivas, sempre te apanhará a morte de surpresa; que será se vives sem a menor prevenção?

Poucas mortes há que não sejam imprevistas. Nenhuma que não seja repentina a respeito do que morre. Parece que todas as coisas conspiram a enganar um moribundo, e ele mesmo se põe de acordo com os mesmos que o enganam. Que homem viste morrer nunca que não se prometesse viver ao menos até o dia seguinte?

Rara mania! Sabe-se que a morte é certa, mas nunca se contempla senão até o fim de uma dilatada carreira; olha-se lá a longa distância depois de uma idade muito avançada; e, quando chega esta avançada idade, não se crê que seja tanto que tire a esperança de viver ainda outro ano ao menos. Por robusta que seja nossa saúde, não há mais que um só passo desde a vida à morte. Onde se achará um homem cordato que se atrevesse a assegurar-nos um ano só de vida a perigo da sua? E, não obstante, eu tenho valor para dilatar minha conversão até o fim deste ano!

«Ignora o homem o fim de seus dias, diz o Sábio; e, como o peixe que brinca nas águas e a ave que revoluteia no vento caem de repente, um na rede ou no anzol e a outra no laço, assim os homens caem miseravelmente no laço da morte quando pensavam desfrutar o momento mais gostoso de sua vida.» (Ecl 9.)

Entre todos aqueles que morreram neste ano, cuja morte chegou a nosso conhecimento, haveria talvez nem um só que pensasse morrer dentro dele? E de todos os que morrerão neste mesmo ano, achar-se-á porventura nem um só que não espere viver mais?

Quem me poderá assegurar hoje que também hei de viver amanhã? Isto é dizer que me posso morrer. E este dia decisivo de minha sorte, será para mim princípio de uma ditosa eternidade, caso de que seja hoje o último de minha vida? Estremece-me esta só proposição; sobressalta minha consciência este só pensamento. Ah, que seria de mim se dentro de duas horas houvesse de comparecer no tribunal de Deus, se houvesse de dar conta ao soberano Juiz do tempo que perdi e das graças de que abusei! Que seria de mim se, carregado de pecados e sem haver começado a fazer penitência, me fosse preciso marchar a ouvir e a padecer a última sentença! Pode chegar o caso; quem me assegurará de que não chegue?

Segundo ponto

Considera que loucura seria a de um caminhante que, na véspera de sua viagem, em lugar de fazer provisões para ela, só pensasse em comprar casas, em adquirir rendas, em fazer-se novos amigos, que dentro de poucas horas havia de deixar para nunca mais voltar a vê-los. Seremos nós mais cordatos em portar-nos como se nunca houvéssemos de morrer? Que outra coisa fazemos quando vivemos sem pensar na morte?

Se soubesse que havia de morrer amanhã, dispor-me-ia hoje. Mas ah, que talvez possa ser isto mais depressa; posso morrer esta tarde, posso morrer neste mesmo momento. Se sucedesse isto, achar-me-ia prevenido? E estarei mais se morro quando não o penso?

Um homem que está sentenciado à morte por decreto irrevogável, pode, sem haver perdido o siso, entregar-se à alegria e não pensar mais que em viver? *Statutum est hominibus semel mori.*

Pronunciada está a sentença contra todos os homens de que hão de morrer uma só vez. Deus é o que nos condenou a todos à morte, e desta morte depende nossa sorte eterna. Não se morre mais que uma vez; e, com tudo, mal se pensa nisto! Pois quê! É coisa tão fácil morrer bem? É coisa indiferente morrer mal?

Oh, que terrível coisa é morrer sem estar prevenido para a morte! E quanto tempo nos parece que havemos mister para prevenir-nos? Bastar-nos-ia um mês para pôr-nos em estado de comparecer na presença do soberano Juiz? Poder-se-á desenredar, poder-se-ão ajustar em poucas semanas os negócios de uma consciência, de uma vida de trinta ou quarenta anos, de um caos de pecados e de iniquidade? Mas, enfim, quanto tempo pretendemos dedicar a isto? E estamos seguros de um só dia?

Quê, meu Deus, é certo que até os mesmos que mais pensaram na morte serão surpreendidos! Pois que será daqueles que nem pensam nem querem que se pense nela?

Coisa estranha! Só em ordem ao negócio da salvação não se pensa na incerteza da hora da morte: em todos os demais negócios que tocam a interesses temporais, nem um só há que não pense nela. Escrituras e obrigações de comércio, contratos matrimoniais, convenções particulares, instrumentos públicos, papéis secretos, tudo está cheio de precauções contra esta fatal incerteza. Não se sabe, dizem todos, o que pode suceder; somos mortais; é prudência prevenir os acasos, os acidentes da vida. E pela salvação, pelos negócios da consciência, por assegurar-nos uma ditosa eternidade, que precauções se tomam?

Senhor, e depois de todas estas reflexões, será possível que incorra eu na mesma falta! Não, não, doce Jesus meu, já não quero mais arriscar minha salvação. De hoje em diante considerarei cada dia como se fosse o último de minha vida; e com a assistência de vossa divina graça vou viver como se houvesse de morrer naquele dia.

Jaculatórias

Fazei, Senhor, que tenha continuamente na memória a brevidade da vida e a incerteza da hora da morte. (Sl 101.)

Deus meu, não me cortes os passos em meio à carreira. (*Ibid.*)

Propósitos

1. Suposto que cada dia pode ser o último de minha vida, não será insigne loucura passar nem um só dia sem trazer à memória o pensamento da morte? Mas tu, pensaste muito nela? Cada dia se pode sentenciar o pleito de que depende tua felicidade ou tua infelicidade eterna; pensa todas as manhãs se está tudo prevenido, se tens novos documentos que apresentar, se já não te resta mais

que fazer. Pode-se dizer que está como estendida por todas as partes a memória, ou ao menos a imagem, da morte. Ruínas de edifícios antigos, magnificência dos novos, revolução das estações do ano, sucessão regular das horas e dos dias, rapidez do tempo, curso dos astros, tudo nos prega em sua língua a memória ou a imagem da morte. As modas que se acabam, os móveis que se gastam, as histórias, as pinturas, os sepulcros, tudo nos conduz ao mesmo pensamento: como tu mesmo não o desvies de ti, ouvirás muitas vezes ao dia a voz de quase tudo o que vês, que te está dizendo que te hás de morrer. Além do Crucifixo destinado para que to ponham nas mãos à hora da morte, o qual hás de ter sempre em vida diante dos olhos, vale-te de certas piedosas indústrias, que são muito oportunas para dispor-nos a uma boa morte. Primeira: alguns escrevem esta sentença ao pé do Crucifixo, sobre a mesa no despacho ou em alguma parte visível de seu quarto: *Estai aparelhados, porque na hora que menos pensardes virá o Filho do homem.* Segunda: outros têm um retrato da morte em frente à cama, ou ao menos no oratório, e não se passa dia sem que façam algumas reflexões sobre ela. Terceira: há algumas senhoras piedosas que têm prevenida a mortalha com que se hão de enterrar e a guardam entre suas mais ricas galas, para fixar nela a consideração sempre que vejam aqueles seus trajes, seus preciosos vestidos e todos aqueles aparatos da vaidade. Quarta: alguns leem uma vez ao mês seu testamento, não só para examinar se tudo está bem regulado ou se há algo que acrescentar, mas também para lembrar-se da sepultura que escolheram. Aproveita-te de todas estas devotas indústrias.

2. Suposto também que é incerta a hora da morte e que, por mais vigilante que estejas, te há de apanhar de surpresa, guarda-te muito de dilatar para a morte o que podes fazer em vida. A última enfermidade só é a propósito para exercitar nela a paciência. O Salvador não nos manda que nos aparelhemos então, mas que já estejamos aparelhados. Examina se te resta alguma coisa por fazer, desce até as mais miúdas. Olha em que regra, em que boa hora, em que exercício espiritual és descuidado e negligente. Faze hoje alguma oração ou dá uma esmola para alívio das almas do purgatório, etc. Estas pequenas devoções, esta reforma de costumes e de conduta te cumularão de alegria e te excusarão muitos remorsos. Não te contentes com que te pareçam bem estes conselhos, põe-nos em execução. Não dês ouvidos a essa pueril delicadeza que desvia da memória o pensamento da morte. A consideração da sepultura é poderoso remédio para curar as enfermidades da alma. Não há paixão que não se tempere com o pensamento da morte.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:28 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:28 by Admin